



# O VILAVERDENSE

Quinzenário Regionalista

Director e Editor: Cón. Domingos Peixoto da C. e Silva

Propriedade de Nossa Senhora do Alívio

Redacção e Administração — Residência Paroquial de Prado — Tel. 92123 — BRAGA | VISADO PELA CENSURA | Composto e impresso na Escola Gráfica da Oficina de S. José — BRAGA

Se não formos os primeiros a abandonar as Nações Unidas, seremos contados entre os primeiros.

SALAZAR

## O CRIME

1 — Escrevo estas «Notas» no dia em que se iniciou o assalto às portuguesíssimas terras de Goa, Damão e Diu e, portanto, numa altura em que, mais uma vez, corre o generoso sangue lusitano nas longínquas paragens da costa do Malabar. Ignoro inteiramente qual será a situação no momento em que for publicado este artigo. Mas qualquer que ela seja, uma coisa é certa e nada a fará apagar da História: o governo da União Indiana consumou um dos maiores crimes dos últimos tempos. Crime abertamente reconhecido à face do Direito Internacional Público, da História, da Moral, e até de elementares Direitos Humanos — na medida em que foram dizimadas vidas de civis de ambos os sexos e de todas as idades, que pacificamente ganhavam o pão à sombra da Bandeira Portuguesa, que a todos nos abriga. Como num Jornal da índole de «O Vilaverdense» não cabe a descrição de acontecimentos que a Imprensa Diária, a Rádio e a Televisão, constantemente divulgam, detenhamo-nos em aspectos que não perdem a oportunidade.

2 — No ano de 1498 aportou a Calecut a armada de Vasco da Gama que saíra de Lisboa no dia 8 de Julho do ano anterior. Estava descoberto o caminho marítimo para a Índia. As consequências que o extraordinário feito trouxe ao Mundo de então, todos as conhecem, assim como conhecem também a história da expansão e da fixação dos portugueses nas zonas descobertas.

O que, portanto, me proponho referir em breve apontamento, são as razões de vária ordem (jurídica, religiosa, económica e política) que tornam indiscutível o nosso direito contra o qual se movimentou o exército indiano numa investida cobarde e unanimemente condenada pela opinião do Mundo livre.

3 — O espaço de que disponho não permite expor os conceitos políticos, jurídicos e religiosos dominan-

tes na Europa do século XV. Limito-me pois a dizer que, não obstante os objectivos distintos contidos na doutrina dos teólogos e dos juristas, era reconhecida a primazia do Sumo Pontífice nos assuntos referentes à defesa e à divulgação da Fé Cristã — considerando-se imperfeitos os pactos, tratados ou simples entendimentos entre os principais cristãos, enquanto não tivessem a sanção pontificia. Ora o Sumo Pontífice autorizou e legitimou «a expansão portuguesa e a aquisição dos territórios descobertos». Creio que, a este respeito, já em tempos aludi no «Vilaverdense» à bula «Romanus Pontifex», expedida pelo Papa Nicolau V, em 8 de Janeiro de 1454, ao nosso Rei D. Afonso V.

Segundo o direito da época ficou legitimada a posse, por parte de Portugal, dos territórios ultramarinos descobertos. Estes princípios são inaceitáveis; aliás, o moderno direito internacional ultramarino data apenas da «Conferência de Berlim, reunida em 15 de Novembro de 1884 e que concluiu pela aprovação do Acto Final de 26 de Fevereiro de 1885». (A este propósito pode consultar-se a obra: «Portugal e o Direito Colonial Internacional» do Prof. Dr. Marcello Caetano, a que recorri para escrever os apontamentos deste n.º 3, e donde extrai as duas transcrições acima reproduzidas).

4 — Legalizada a situação resultante dos Descobrimentos à face do direito então vigente na Europa, o rodar dos séculos alicerçou em bases indestrutíveis esse mesmo direito.

Vejamos como:

Sem pretender — sempre por falta de espaço — aludir mesmo ao de leve à longa história da Índia, desde que, em época recuadíssima, um ramo dos Árias (que viviam perto do planalto de Pamir) emigrou para lá, onde venceu os Dásios, limito-me a salientar que os portugueses, devido à sua Fé religiosa (que propagaram) e ao seu temperamento específico, confraternizaram, na vida do dia a dia, com os povos descobertos. Sabe-se bem que houve batalhas: mas apagados os

(Continua na 3.ª página)

### A ideia da Cooperativa dos Vinhos do Concelho prossegue

No dia 20 Dezembro, pela iniciativa do Grémio da Lavoura, reuniram-se grande número de vinicultores deste Concelho de Vila Verde, para prosseguirem as diligências para a formação da cooperativa concelhia dos vinhos.

Presidiu o sr. Dr. Francisco Gonçalves presidente do Grémio da Lavoura que depois de dizer o motivo daquela convocação, cedeu a presidência ao sr. Dr. Domingos da Silva Pereira indigitado para presidente da Comissão Organizadora da Cooperativa dos Vinhos.

Falou além do presidente, os engenheiros do Posto Agrário de Braga e da Comissão de Vinicultura da Região dos Vinhos Verdes que indicaram os trabalhos a seguir.

Foi constituída uma comissão organizadora, que vai recolher sócios pelo concelho.

Foram visitados diversos locais, na Sede do Concelho, mais próprios para a localização das instalações da adega.

Daremos, em outro número do Jornal mais indicações sobre esta prestimosa iniciativa concelhia para bem da nossa lavoura concelhia.

## Misericórdia de Vila Verde

A não construção do novo Hospital põe, possivelmente, em perigo a primeira instituição de caridade do Concelho de Vila Verde

### A nossa posição

Raras vezes temos escrito neste jornal com mais dificuldade do que neste ocasião. É tão melindroso o assunto; são tão prováveis as incompreensões dos motivos que nos esperam; são tão possíveis as susceptibilidades das pessoas que se julgem visadas, que só uma força — a do cumprimento do dever que o nosso jornal assumiu perante o Concelho — nos faz quebrar todas as pusilidades.

Temos, mais uma vez, de afirmar que o nosso jornal — isto é o seu Director e o seu corpo redactorial — não pretendem nem acellam qualquer lugar na Instituição visada; não fazem campanhas de divisão ou de poltigue local; não se embrenham nas questões ou no se disse-disse. O nosso número 119 de «O Vilaverdense», de 20 de Novembro de 1960, levou, pelas suas razões e pelo seu entusiasmo, o povo do Concelho a colaborar no Cortejo de Oferendas a favor da construção do novo Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde. O povo já não acreditava. E por isso, a Mesa da Misericórdia teve de marcar o seu Cortejo de Oferendas para o mês de Janeiro, depois para Fevereiro, e, finalmente para 5 de Dezembro de 1960.

E só, perante a campanha do nosso jornal, o entusiasmo se acendeu, rendendo cerca de 400.000\$00.

Nós prometemos, porque nos ajanzaram categoricamente. Agora vimos unicamente lavar a nossa frente perante o povo do Concelho, defender os interesses lesados, e mais nada.

### Um pouco de História

Em 1943, foi oficialmente fundada a Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde, que, pouco depois ebrle o seu Hospital, numa casa provisória.

Pensou-se que o novo Hospital levaria anos a construir, e a precária situação da assistência hospitalar feita pela Câmara não comportava mais delongas.

Também se verificou que o recurso da Misericórdia ao Internamento dos seus doentes em Hospitais estrenhos ao Concelho não satisfazia. Porém, o provisório parece querer eternizar-se, e o que serviu para um começo de activi-

dades hospitalares, agora apresenta-se como uma das unidades hospitalares mais deficientes de todo o país, quanto às suas instalações, para uma acção intensa e extensa. Queremos dizer que o hospital de Vila Verde, apesar das suas acanhadas, impróprias, anti-higiénicas instalações, faz uma acção de assistência hospitalar, em especialização e em extensão, digna de todo o louvor, do carinho das entidades oficiais e do seu povo.

### Falam os números assistenciais

Embora dispondo de fracos recursos estatísticos, o nosso jornal pode registar: até 31 de Outubro de 1960, foram internados 4.492 doentes com 81.365 dias, em que se gastaram 2.472.470\$00; e em consultas, curativos e medicamentos, no Banco hospitalar, gastaram-se 252.634\$00.

Actualmente, conforme informações que nos foram fornecidas pelo senhor Director Clínico do Hospital, o Hospital tem o seguinte movimento, aproximadamente: operações de grande cirurgia, 70; operações de pequena cirurgia, 1.200; tratamentos e consultas no Banco hospitalar, 6.500; curativos, 18.000; partos, 250; doentes internados, 520.

Podemos afirmar, sem receio de desmentido, que o Concelho de Vila Verde, graças à Santa Casa de Misericórdia de Vila Verde, e à acção do seu Corpo Médico e de Enfermagem, dá ao povo do Concelho uma assistência hospitalar e mesmo para o domicílio, através do seu Banco, modelar e bastante completa. Poucos Conselhos se lhe podem comparar. Mas, Santo Deus, em que caso de Hospital!...

### O novo Hospital

É já para todos nós um sonho, a que quase queríamos chamar uma desilusão amarga.

Há mais de dez anos que se fala, a sério, que vai ser construído o novo Hospital. Sucederam-se promessas de entidades oficiais, quer do Ministério das Obras Públicas, quer do Ministério do Interior, quer dos diversos Subsecretários de Assistência, em visitas oficiais a Vila Verde, e em diligências feitas pelas Mesas da Misericórdia em Lisboa.

Em 1955, por ocasião das inesque-

cíveis festas comemorativas do Primeiro Centenário do Concelho de Vila Verde, depois da Santa Casa de Misericórdia de Vila Verde ter, com a participação do Estado, comprado um grande terreno próprio para a nova construção hospitalar, foi solenemente lançada a primeira pedra com a assistência de todas as entidades oficiais e com alegria indiscutível do povo. Ao mesmo tempo, foi lançada a primeira pedra para a construção de grandiosa ponte nas Neves, sobre o rio Homem, de ligação dos Concelhos de Vila Verde e de Amares.

A ponte, apesar de todas as dificuldades, com a abertura de parte da estrada e reparação de toda a outra, está concluída; o novo Hospital, apesar de já passarem cinco invernos sobre a recente e tumular pedra, continua a ser um sonho e quase uma desilusão.

### O que nos chega das Entidades Oficiais

O Estado Novo, através dos ministérios próprios de Assistência, das Obras Públicas, etc., tem construído, pelo país, uma série de unidades hospitalares, que, só por si, constituem a imortalidade de uma criteriosa e sã administração dos interesses públicos.

(Continua na 4.ª página)

## Exageros provocantes

Enquanto, por um lado, uma parte da humanidade viva na mais precária situação económica, chegando mesmo a atingir os horizontes da autêntica miséria, conforme revelações feitas através da Imprensa mundial, verifica-se, por outro lado, que existem esbanjamentos que representam uma afronta directa à pobreza, isto é, os chamados exageros provocantes, visto que, na sua essência, provocam, de facto, as agruras da miséria. Uns e outros são contrários à solidariedade humana, assim como à doutrina do próprio Evangelho, esta infelizmente, tão desprezada nos tempos que vão correndo, com a agravante desse desprezo, por vezes, partir de pessoas a quem compete a obrigação de o condenarem. No entanto, isto não quer dizer que o amor do próximo não tenha apóstolos fervorosos e expressivamente compreensíveis todos aqueles que consideram os seus semelhantes mais infelizes seres superiores no conceito da vida racional, reconhecem, ipso facto, que não lhes deve ser negado o direito de viverem em condições diferenciadas das dos seres inferiores ou irracionais. São estes os que assim procedem, que em vez de esbanjarem, loucamente as avultadas sobras dos seus recursos as aplicam em Obras de Misericórdia, praticando, assim, uma virtude que os torna dignos de profunda e cativante venerações. De resto, enquanto a humanidade viver sob a influência de conceitos que pretendem transformar o mundo num cenário de misericórdia cada vez mais espectacular se tornará o cortejo das vítimas desse cenário de degradante exibição perante a própria projecção da luz radiosa da civilização. É sabido que sempre existiram pobres nas populações espalhadas por todos os recantos do universo, mas o que nunca existiu, certamente, foi uma desproporção tão acentuada ou tão flagrante como aquela que hoje existe.

(Continua na 2.ª página)

## Cursos de Catequese no Arciprestado de Vila Verde

Por ordem de Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo Auxiliar e depois de uma reunião do clero do Arciprestado de Vila Verde, resolveu-se começar brevemente cursos de catequese em várias zonas, dada a escassez de meios de transportes, assim discriminadas:

Vila Verde: Soutelo, Turiz, Loureira, Barbudo, Esqueiros, Travassós, Dossãos, Gene, Sabariz e Lanhas.

Prado: Cervães, Cabanelas, Oleiros, Leje, Freiriz, Ateães, Moure, S. Mamede, S. Martinho de Escariz e Parada.

Ribeira: Goães, Rio Mau, Marrancos, Arcozelo, Azões, Duas Igrejas, Pedregais, Gondinços, S. Tiago, S. Miguel de Carreiras e Novagilde.

Pico de Regalados: S. Cristóvão, S. Miguel de Prado, Gondinços, Portela, Atães, Gomide, Sande e Vilárinho.

S. Vicente da Ponte: Couceiro, Oriz, S. Miguel e Santa Marinha, S. Pedro de Valbom e Paçô.

Responsáveis: Na zona de Vila Verde os párocos de Vila Verde, Sabriz e Barbudo.

No zona de Prado: Coadjutor de Prado, pároco de Cabanelas e Oleiros.

Na zona da Ribeira: Coadjutor de Duas Igrejas, Párocos de Marrancos, e Rio Mau.

Na zona do Pico: Párocos de S. Paio, Sande e Atães.

Na zona de S. Vicente da Ponte: Párocos de S. Vicente, Santa Marinha e Couceiro.

Conselho Arciprestal da Catequese: Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva, o Padre Severino Pereira Fernandes, Padre Manuel Diogo, Padre Joaquim da Silva, Padre José Luis Domingues Ferreira e Dr. Bento Duarte de Araújo.

## VOANDO ATÉ AO BRASIL

### Abraço de Amizade entre portugueses e brasileiros

Raiou cedo a aurora matinal do Rio de Janeiro. É sempre assim, segundo nos informaram. O pior é que nós habituados a recolher a Penates tarde, fomos obrigados a despertar pelas cinco horas da manhã com o barulho intenso da vida de uma grande cidade em horas normais do dia. Por detrás do hotel Olinda, rente ao meu quarto, os construtores civis, em tronco nú, já batiam prego com toda a força, enquanto

bramos Missa na linda Igreja de Nossa Senhora de Copacabana, para a Floresta da Tijuca, um dos lugares mais encantadores do Rio de Janeiro.

Novamente queremos dizer que esta cidade é a cidade dos contrastes. Este passeio confirma, mais uma vez isso mesmo. Junto dos grandes arranha-céus, centenas de favelas (tipo bairro de lata) nas encostas dos morros

(Continua na 3.ª página)



António Joaquim Rodrigues Loureiro e Ex.ª Esposa na sua residência particular em Niterói—Brasil. Um grande amigo da Misericórdia de Vila Verde, da Loureira e de Prado.

Partimos depois de cele-

# VALOR DO AMOR

## NUMA PERSPECTIVA DE UNIÃO

AMAR... Quatro letras que na linguagem portuguesa, exprimem o que de maior pode existir no homem e o que, a meu ver, de maior há na actividade divina. O homem só é grande pelo amor e no amor, porque o Amor é o próprio Deus e o homem é grande por ser o depositário do maior dom feito à criatura. O homem é «a obra prima do amor», no pensamento de Pio XII. O homem é a mais perfeita das criaturas, a tal ponto que mereceu que Deus quisesse que no seu seio vivesse Jesus — o Homem-Deus. E' que o homem é a criatura mais livre, aquela que é fruto da liberdade e do amor de três pessoas: o homem, a mulher e Deus que, num só amor, numa união, constituem um lar, uma família.

A graça, mistério impenetrável à inteligência humana, é também um outro dom divino que sobrehumanisa o homem no seu amor.

Há num lar e, sobretudo num lar cristão, mais que o amor carnal passageiro. Há uma promessa de fidelidade em amar-se que se traduz sempre em esperança. Esta esperança é o dom duma pessoa a outra, o reconhecimento do seu valor como criatura e como ser capaz de criar aquilo que é preciso para o aperfeiçoamento da vida de amor dessas pessoas. E há grande proximidade entre o terreno em que brota a esperança e o da oração!

Só este tipo de amor é seguro, por via de ser espiritual; é duradouro porque não se atém a um determinado aspecto da beleza física de um ou outro dos seres amados. Este aspecto, pelo facto da sua determinação, é imperfeito, de certo modo, porque é accidental e desaparece com o tempo.

Há uma percepção da beleza ou de

uma forma bela dum ente querido ou de qualquer outro ser humano que pode originar amor. Mas porque esta percepção é sensível, é inferior ao sentimento-amor, em que entra em actividade tudo o que de mais nobre existe em nosso ser.

E' curioso notar que, no sentimento-amor, o sentido encerrado nos pronomes eu-tu, convertem-se logo em linguagem de nós e só haverá um nós, quando não mais se possa dizer vós. O amor é comunitário e sendo amor a nós não é amor é egoísmo, é interesse e divisão. E' isto que destrói a paz e cria a guerra!

Deus está presente onde houver caridade e amor; onde estiverem duas ou mais pessoas unidas em Seu nome. E Deus não quer que o homem separe o que Ele unira, o que Ele formara. (Cf. Mat. 18, 19-20).

Antes do pecado original, o homem era o ser tendente para os dois amores que Deus lhe havia dado: «um a Deus e outro a si mesmo», no dizer de Pascal, tendo «o amor a si mesmo finito e relacionado com Deus» e o outro, amor infinito, no sentido que esse amor não teria outro «fim senão o próprio Deus». Mas o pecado apareceu no mundo e «o homem perdeu o primeiro destes amores; o amor a si mesmo tendo ficado só, nesta alma grande, capaz dum amor infinito, estendeu-se e transbordou para o vazio que o amor de Deus tinha deixado; e foi assim que o homem se amou a si e as demais coisas duma «maneira infinita». (Pascal, Pensées, pg. 423 da edição de Craplet, Paris-1819).

Desde o momento em que o homem teima com os designios de Deus separa-se, cria uma ruptura nos laços que a Ele o uniam. Esta é obra puramente humana, que apenas sucede quando o homem não quer sofrer por não ser Deus. Sempre que o homem sofre por não ser Deus é que ele reconhece que é criatura. (Cf. Diálogo do Homem e de Deus, de Jacques Leclercq).

Após o pecado o homem reconhece ser criatura e como tal procura reconciliar-se com Deus por meio da humildade, a qual obtém o perdão. Com as criaturas, por intermédio do perdão da nossa parte. Então surge a compreensão do vizinho, a admiração, a caridade — união de vontades livres — que conduz à re união, à recuperação da união perdida.

O reconhecimento humilde de não amar leva a um amor mais perfeito, mais profundo, à procura de uma união mais perfeita. Como dizia alguém, «já é amar muito o saber-se que não se ama o bastantes».

António de Sá

## Santuário do Alívio

Movimento durante o mês de Outubro

Donativos recebidos por graças concedidas aos seus devotos.

António Guimarães, Arcos de Valdevez, 100\$00; João Ferreira, Ponte da Barca, 100\$00; Maria Amélia, Ponte da Barca, 100\$00; Adelaide da Costa, Famalicão, 100\$00; Aurora da Costa, Fafe, 70\$00; Amadeu de Araújo, Braga, 70\$00; António Valente de Sousa, Ponte de Lima, 70\$00; José Veloso dos Santos, Santo Tirso, 50\$00; Francisco de Sousa, Póvoa de Lanboso, 50\$00.

8 de Dezembro

Como de costume, realizou-se solenemente neste Santuário a festa da Imaculada Conceição. Houve Missa cantada e sermão pelo Sr. Dr. António Rodrigues, professor do Seminário de Braga. Estava o templo repleto de fiéis.

Anunciai, assinais e propagai 'O Vilaverdense,

# Futebol

## em Vila Verde

Façamos justiça...

Poderíamos repetir aqui o que em outras páginas do nosso jornal escrevemos a propósito do nosso glorioso Vila-verdense, que tanto tem honrado com galhardia a tradição do nosso futebol. Poderíamos reafirmar que os actuais orientadores do nosso futebol são bem os lídimos representantes daquele desporto que tão alto o têm elevado; poderíamos, enfim, mostrar esta grande obra realizada pelo heroísmo e pela dedicação dos seus Directores, no combate sem tréguas aos males que afligem e flagelam os sempre eternos crónicos da crítica.

Preferimos, porém, como mais acertado, transcrever o avanço ineluctável que o nosso desporto nestes últimos anos tem conseguido. E se fossem lembrados aqueles que tanto se dedicaram a esta obra, teríamos que dizer e louvar. Tudo isto prova, à sociedade, que todos estes orientadores, que moireram e labutem pelos interesses da Terra, são bem dignos de estímulo e dedicação.

E como é sabido, até há poucos anos, e exceptuando os últimos, a maior parte dos nossos problemas ainda não estavam resolvidos, entre os quais: balneário e acabamento do campo de jogos com as medidas necessárias.

Atrevessamos períodos críticos, devido à deficiência da parte superior deste, (campo) que durante largos anos não houve alguém que desse solução e esta grande necessidade.

E as medidas tomadas pelos Incansáveis e dedicados Directores que actualmente dirigem com apuro e bairrismo o nosso grupo, deram solução a este caso, e como foi podermos participar no Campeonato Regional de Futebol de Braga.

E foi em obediência ao mesmo pensamento e lema: «mais e melhor», que promoveram a ressurreição ou restauração do nosso futebol, em que podemos cantar com orgulho as grandezas e as esperanças e com amargura lamentar as crises.

E, na verdade, criaram um futebol digno da Terra, um futebol que não linhemos dando-lhes as normas, as obras e os trabalhos de que carecia, estudando-o e baseando-o no progresso que atrevessamos.

O povo é povo e quer novidades: o povo há-de aplaudir, porque entende (é preciso entender para apreciar e gostar) e assim, com entusiasmo e leima fez nascer novos horizontes e novos pensares, no lusco-fusco dos seus dias, não como um relâmpago um clarão que chega e desaparece, mas sim mimoso brilho, plácida luz em que os olhos descansam gostosos.

Eis o motivo destas minhas simples mas convictas palestras: Preciso o VILAVERDENSE de muitos sócios, empenho moral e material, pois sem os meios não podem conseguir os fins.

E teremos que exclamar, com os mesmos ideais que os Directores do Nosso VILAVERDENSE têm no coração «um por todos e todos por um».

Vila Real, 6 de Novembro de 1961.

ARTUR BARBOSA GOMES

## Assuntos em Lisboa

Informamos os nossos leitores que a Agência Tip. Castelo, Lda, com sede na Rua Teixeira de Pascoais, 11 A, Lisboa 5, trata em Lisboa, com a prontidão e zelo que lhe são peculiares, de quaisquer assuntos, como sejam: Obtenção e legalização de documentos, publicação de anúncios, recebimento de rendas, registo de marcas, incumbência de compras e outras, diligências e representações diversas, certidões, registos, etc.

### As mais seleccionadas árvores de fruto

(5) As melhores sementes de flores e hortaliças. As mais lindas rosas premiadas em Concursos Internacionais, Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de jardins, parques e pomares.

Catálogos Grátis

Alfredo Moreira da Silva & Filhos L. da

Rua D. Manuel II, N.º 55

Telegramas: Roselândia

Telef. 21957 — PORTO

# Pastelaria BAR VILAVERDENSE

Fabrico esmerado de doce de todas as qualidades  
Serviço de Casamentos, Baptizados e Homenagens  
Vinhos de mesa, finos e espumantes, refrigerantes  
a preços excepcionais — Café especial

Em Vila Verde, não deixe de visitar a PASTELARIA

## Vila de Prado

Prado continua a sua vida normal sem notícias de sensação. Há muitos leitores deste cantinho que gostavam que se dissesse muito sobre esta Vila.

Acerca do progresso... há retrocesso, apesar da boa vontade, de todos em ter indústria florecente no meio de nós. Fazemos um apelo aos Capitalistas. Todavia, num futuro muito próximo... Bem, depois diremos. E' que já estão encomendados os velhos eléctricos de Braga para uma cidade a fazer-se na terra. Mas olhem que é verdade.

Entretanto na Murta há uma fábrica a remodelar-se em franco progresso; junto do Correio mais uma linda casa nova e... o Desportivo continua a ganhar mesmo sem Pelé.

—No próximo dia 14 realiza-se a festa em honra de Santo Amaro.

—No próximo dia 20, a festa em honra de S. Sebastião com uma grande feira anual.

—Nesta quadra do Natal tivemos o prazer de cumprimentar em visita às suas famílias, o Sr. Dr. Lucíolo Coelho, professor em Faro no Liceu Nacional; o Sr. Manuel da Laje e o Sr. Manuel Gonçalves Ribeiro, vindos da França.

—A festa do Natal correu como nos anos anteriores, com muito brilho havendo Missa cantada e sermão no dia 25.

—Hoje haverá no Salão Paroquial uma tarde recreativa oferecida pelos escuteiros a todos os sócios e amigos do Escutismo em Prado.

Têm um rico programa a apresentar que deliciará os presentes durante algum tempo.

—De resto... a eem à hora sempre.

—A primeira Missa na Igreja nova está prevista para o dia de S. José, imprevelmente.

## GRALHAS

Na poesia "O presépio, publicada no último número, no segundo verso da segunda quadra falta gente, em: Há gente humilde e grada.

Que a distinta autora nos releve esta falta.

## Cervães

—Tríduo. Veio a esta frequência pregar as práticas do nosso tríduo sua Excelência o Senhor Cônego Dr. Luciano Afonso dos Santos.

Oxalá que das suas interessantes pregações com que procurou ilucidar todos quantos a elas assistiram e sirvam também para conseguir abundantes frutos para o bem das nossas almas.—C.

# Exageros provocantes

(Continuação da 1.ª página)

Quem diria, por exemplo, que o rodar dos anos seria portador no século XX, da notícia que passo a transcrever?! Ei-la na íntegra:

## 28 mil contos ofereceu o Peñarol pelo famoso Pelé

A equipa do Peñarol, que acaba de conquistar o título de campeão do Uruguai, tornou-se, também, candidato à aquisição do famoso jogador do Santos, Pelé.

Os dirigentes daquele clube ofereceram ao clube brasileiro 28 mil contos pela cedência de Pelé, mas o Santos ainda não se pronunciou sobre o assunto. Os dirigentes do Peñarol acrescentaram que pagariam facilmente aquela importância com a realização de uma série de trinta jogos no estrangeiro, pelo que as finanças do clube não seriam afectadas.

Nada mais, nada menos do que vinte e oito mil contos, em moeda portuguesa, é claro, por um jogador de futebol!!! E agora, pergunta-se: No Uruguai não haverá pobres famintos, doentes incuráveis, cegos, aleijados, esfarrapados, etc. etc.? Como a resposta deverá ser afirmativa, outra pergunta virá a propósito: Quantos lares poderiam tornar-se felizes com a quantia oferecida pelo referido jogador? Enfim, são os tais exageros provocantes que campeiam por toda a parte do globo terrestre.

E assim vai caminhando a fraternidade humana!...

Mário Meneses



C. J. Chambers  
Torre de Penegate

S. Miguel de Carreiras

Compro selos usados em quantidade ou envelopes c/ os selos colados.

Sómente interessam selos vulgares, nacionais, gramatinos e estrangeiros. Os caros não compro.

## Sala de Chá

Todas as qualidades de doce

Esmerado serviço de casamento e Festas de todas as espécies

DOÇA IA

LUSITANA

Rua Francisco Sanches, 119-127 Tel. 23300

e Jardim de S.ta Bárbara

BRAGA

# Lâmpadas — 3\$90

VENDEDORES

RODRIGUES & IRMÃO L.DA

Avenida Marechal Gomes da Costa

BRAGA

TELEFONE 22074

# CORRESPONDÊNCIAS Voando até ao Brasil

(Continuação da 1.ª página)

## A' Margem do Homem

S. Miguel de Oriz

—No passado dia 21 de Dezembro consorciaram-se na igreja desta freguesia os nossos conterrâneos António de Abreu, agora empregado nos Pisões Pisões, e Carminda de Abreu, do lugar do Prego. Ao novo lar, que se fixou no lugar de Mazagão, desejamos felicidades.

— Em meados de Dezembro embarcou para Lourenço Marques (Moçambique) o jovem Luís da Costa Pereira (Emília) que naquel noss Província Ultramarina vai exercer a sua actividade.

— Na semana anterior ao Natal começou a laboração do novo lugar de azeite do Sr. António Martins Melo Machado, presidente da Junta de freguesia, que se abalçou a este melhoramento, que contribui um pouco para o progresso da terra.

— Devido aos tristes acontecimentos que enlutaram a nossa Pátria, decorreu em recolhimento e simplicidade o Natal. Um nosso conterrâneo encontrava-se em Goa em defesa do solo pátrio e ainda hoje se desconhece a sua sorte. Talvez por isso e pelo rigoroso inverno que tem feito, poucos conterrâneos nossos ausentes vieram de vieram de visita a suas famílias.—C.

## Santa Marinha de Oirz

Com o nome de Hilário Eleutério, foi baptizado em 20 de Dezembro na nossa igreja um filhinho do falecido Hilário de Sousa Barros e da que foi sua esposa Adiosinda dos Anjos Rodrigues da Fonseca.

Padrinhos o tio materno Libório Peixoto da Fonseca e a tia paterna Júlia da Conceição de Sousa Barros.

—Tem passado mal de saúde a Sr.ª Olívia da Costa (Cutelo), do lugar do Barreiro, bem como a Sr.ª Angelina Soares, do Mourão e Laura Martins, do lugar do Carvalho.

—Em visita a suas famílias é para descanso de algum tempo, chegaram de França os nossos conterrâneos Alberto Menezes, do lugar do Cabo, e Manuel António Arantes Vieira, do lugar do Paço.

—Com 83 anos de idade, finou-se, no dia 27 de Dezembro, o sr. Manuel Dias (Garcia), do lugar de Cortinhas. Paz à sua alma e pêsames à família enlutada.—C.

## S. Martinho de Valbom

—No dia 14 de Dezembro, com o nome de Berta da Conceição, foi baptizada na igreja desta freguesia uma filhinha de António Augusto da Costa e Eusa de Campos da Costa, do lugar da Igreja. Foram padrinhos os srs. João do Melo Martins e Gracinda de Abreu Freitas Lima.

—No dia 25 foi baptizado um menino com o nome de Franklim, filho de Agostinho Edmundo Pimenta e D. Irene da Costa Pimenta, do lugar de S. Bento. Foram padrinhos o tio paterno Franklim Fernandes Pimenta e a Sr.ª D. Zulmira de Oliveira, professora oficial em Padornelo (Paredes de Coura).

—Encontra-se bastante doente a sr.ª Palmira Teixeira Campos, do lugar do Pinheiro. Desejamos-lhe prontas melhoras.—C.

## Paço

—Como nos anos anteriores, também este ano o nosso conterrâneo ausente nos Estados Unidos da América do Norte, Sr. Luís Alfredo Pereira, contemplou os pobres desta terra com uma preciosa ajuda para melhorar a consolda do Natal. Que Deus lhe retribuia e multiplique o bem que faz aos seus pobres.—C.

## Valdreu

Em 3-12-61, com o nome de António, baptizou-se um menino filho de Delfim Ferreira Araújo e Maria Martins Rodrigues de Araújo que vivem em Cabaninhas.

— Em 27 do mesmo mês foi baptizado um menino filho de Manuel de Barros e Maria Florinda da Cuiha. Chamou-se Armando.

—Na igreja paroquial reuniram-se em Matrimónio, em 27-12-61, os srs.: João Dias dos Santos e Albertina Baltha Gaspar. O noivo, natural de Valdreu, é filho de Manuel António dos Santos e Maria Fernandes Dias; a noiva, natural de Carvoeiro—Mafra, é filha de Adriano Gaspar e Maria da Conceição.

— Em 28-12-61 na capela de Santo António em Mixões da Serra uniram-se em Matrimónio José Gonçalves Inácio e Ana Rosa Martins Corais; ela de Valdreu; é filha de Manuel Antunes e Angelina Rodrigues.

— Na sua casa do lugar da Costa, faleceu em 27 de Dezembro, Maria Angelina Dias, esposa do sr. José Martins. Contava 76 anos e era muito estimada por todos. O seu funeral, foi em 29 com a assistência de muito clero. Paz à sua alma e condolências à família.—C.

## Oleiros

No dia 21 de Dezembro, contraiu matrimónio em Parada de Gaíim, com a menina Aida da Silva Arrós o Sr. António Gomes Pereira, desta freguesia.

Foi também o Sr. António Gomes Pereira, escolhido para mordomo da Cruz deste ano pelo que na 2.ª feira passada após a entrega da Cruz na Igreja Paroquial, grande número de amigos o acompanharam até sua casa para o cumprimentar e saborear o tradicional «pão quente».

— Também se realizou nesta freguesia o casamento da menina Albertina Gonçalves dos Santos, filha da Sr.ª D. Lina de Sousa Santos e Francisco Martinho Gonçalves com o Sr. Alípio dos Santos Ferreira, natural de Cossourado, Barcelos, filho da Sr.ª D. Maria Magalhães dos Santos e António José Ferreira.

Oficiou a este acto o Sr. P.º António Rodrigues, desta freguesia e foram testemunhas o Sr. Dr. Serafim Correia de Sousa, Magistrado do M. P. em Vila da Feira e o Sr. Manuel Magalhães dos Santos, de S. Pedro de Alvito-Barcelos.

Estavam também presentes, entre outros convidados ilustres o Sr. Dr. Horácio da Silveira, natural de Goa, colega e amigo do irmão da noiva, Sr. Dr. Manuel Gonçalves dos Santos, Magistrado do M. Público, em Vi-seu.

Aos novos esposos desejamos-lhes muitas felicidades.—C.

## Sabariz

Tivemos início no passado dia 1 de Janeiro para assinalar a entrada do Novo Ano, as costumadas reizadas que se prolongam até ao dia 7 do corrente, dirigidas pelo Rev. Pároco desta linda e risonha freguesia e que o seu produto reverte em benefício das obras da Igreja.

Os reis aparecem este ano com fita de luto em sentimento dos trágicos acontecimentos nas nossas províncias ultramarinas.

— O Grupo Leonino Sabarizense desloca-se no próximo dia 14 do corrente a Lanhas, a fim de defrontar aquela turma.—C.

## Cabanelas

Regressou a Lisboa depois de ter passado uns meses junto de nós, o nosso conterrâneo, senhor Manuel Fernandes Fumeça e esposa.

— Junto de suas famílias, passaram as festas do Natal e Ano Novo os senhores Dr. João Baptista Machado e esposa e Fernando Leitão, que se encontra a prestar serviço militar.

— Começou o Ano Novo, e todos os portugueses farão esta pergunta: Será este ano de 1962 um ano de paz, de alegria e tranquilidade para nós portugueses?

O futuro a Deus pertence. Só temos a pedir ao Altíssimo um ano novo feliz, e para que em qualquer parte do Mundo onde exista um português, haja aquilo que todos ambicionamos: a Paz.—C.

## 150 Contos

Empresta-se na área do concelho, s/ prédio rústico ou urbano, junto ou em fracção.

Condições habituais.

Esta redacção informa.

Os possíveis interessados, deverão indicar, por escrito:

Nome.

Morada, e quantia que pretendam, e todos os esclarecimentos que entenderem prestar.

## Pico de Regalados

Desde o dia 18 de Dezembro a 24 do mesmo mês realizou-se na igreja de S. Paio do Pico uma semana religiosa pela paz no mundo e dum modo especial nas nossas províncias do ultramar.

O primeiro dia foi dedicado às meninas da freguesia que receberam a sagrada comunhão e rezaram pela paz, o segundo foi dedicado aos meninos, o terceiro aos organismos da Acção Católica, o quarto à Fraternidade Dominicana da freguesia, o quinto às Senhoras e o sexto aos homens, terminando todas estas devoções com uma grandiosa procissão de velas que saiu da capela da Senhora da Salvação e terminou na igreja paroquial, rematando com uma solene adoração pregada pelo Rev. Dr. António Freire, S. J. e com missa vespertina acompanhada de comunhão geral do povo desta terra.

Os nossos parabéns ao ilustre pároco da freguesia, que organizou estes actos de piedade, e aos seus briosos paroquianos que com ele colaboraram.

## São Miguel de Prado

Realizou-se nesta populosa freguesia a festa do Sagrado Coração de Jesus, precedida dum tríduo pregado pelo ilustre orador sagrado, Monsenhor Horácio de Araújo, zeloso pároco de Ronfe-Guimarães.

O povo da terra acorreu em grande número, como já é tradição antiga, e quase todas as pessoas se prepararam para unir o Sagrado Coração de Jesus ao seu pela sagrada comunhão.

Parabéns ao Sr. P.º Domingos Mota Vieira que organizou com todo o brilho possível estes actos de piedade em honra do Sagrado Coração de Jesus.

## Atães

Como nos anos anteriores, realizou-se no dia 27 de Dezembro o Sagrado Lausperene, notando-se o mesmo entusiasmo dos outros anos. Confessou-se quase toda a gente que quis aproveitar a oportunidade para receber no seu coração Aquele que durante 24 horas adorado no trono que se encontrava iluminado com numerosas velas e adornado com perfumadas flores.

Iniciou-se com missa solene tendo terminado com igual acto litúrgico.

Parabéns ao pároco e a todas as pessoas da freguesia, pois mais uma vez manifestaram bem o seu amor ao Senhor.

## Sande

No dia 1 de Janeiro realizou-se na igreja paroquial uma solene adoração para agradecer ao Senhor os benefícios recebidos durante o ano que terminou e para lhe pedir novas graças durante o ano que começou.

Rezou-se pelos soldados que morreram na Índia e pela completa libertação daqueles que ainda lá se encontram.

\* \* \*

Recebemos uma carta do nosso assinante, Fernando da Mota Coelho, que é 1.º cabo em Moçambique, a pedir a publicação da mesma no «Vilaverdense». No próximo número publicar-se-á, pois temos toda a consideração pelo filho desta terra que se ausentou, para a província acima mencionada, na companhia de seus pais e irmãos e actualmente presta serviço no Exército.

## Voando até ao Brasil

da cidade dão um aspecto triste e pobre a quem vê frente a frente a opulência e a miséria. Além disso, sem sairmos praticamente da cidade, encontramos dentro numa floresta de sonho onde tudo é verdura e poesia. Tijuca é o orgulho do povo carioca, pois é lá que se encontra a visão de doce romantismo da Gruta de Paulo e Virgínia, a famosa Vista Chinesa, donde se descortina o Rio de Janeiro com toda a sua magnificência, a cascatinha em ambiente selvático de Taunay, as Furnas de Agássiz em curiosas formações naturais, o Açude da Solidão que impressiona pela sua beleza melancólica e sei lá que mais. Quem sobe o alto da Boavista pela primeira vez ouvindo falar destas coisas a um brasileiro de garra como é o nosso guia Helvécio Garrido, fica logo interessado em explorar todas estas belezas a dois passos dum urbe imensa. Subimos sempre e fomos almoçar ao «Restaurante Esquilos» por graciosa oferta da PANAIR.

## O CRIME

(Continuação da primeira página)

seus ecos, o português não se isolou numa atitude de quem pretendesse apenas tirar proveito material das vitórias alcançadas. Não. Laborioso, dado à paz, «rotineiro» (como frisou Gilberto Freyre) conviveu íntima e pacatamente com esses povos levando-lhes os usos e a cultura da Pátria-Mãe e adoptando muitos dos desses povos, que, devidamente adaptados, chegou a trazer para a Europa.

Cruzou-se: e parece estar provado que as características psicológicas do português prevalecem sobre as dos povos diferentes, quando com eles se cruza. Desta estreita convivência durante séculos, resultou a Nação portuguesa de hoje, na qual a esmagadora maioria dos seus elementos tem o vivo sentimento de que constitui uma unidade que se não confunde com as outras nações. Deste sistema de convívio e ainda da observância dos preceitos cristãos, resultou também a igualdade dos portugueses de todas as raças perante a Lei.

Não admira pois que no Mundo conturbado de hoje, em que grandes povos europeus perderam importantes territórios ultramarinos, os portugueses da Europa, da África, da Ásia e da Oceânia, constituam um firme bloco animado por intenso patriotismo.

Perdemos as terras de Goa, Damão e Dio? — Perdemos-las porque fomos, em condições de gigantesca desigualdade, atacados por um exército numeroso, dotado dos mais modernos meios de guerra, sem que nós, a milhares de quilómetros de distância, pudéssemos socorrer os nossos irmãos que, com o seu sangue, escreveram nas distantes regiões indostânicas uma das mais heróicas páginas da História de Portugal.

5 — Como dizia o vespertino de Lisboa «Diário Popular», Goa não caiu: está cativa. E é verdade. Está cativa porque a sua gente continua a querer ser portuguesa. À face do direito e da vida comum de séculos, que amalgamou portugueses da Metrópole e da Índia, o acto da União Indiana é ilegal, é covarde, é imoral, é atroz.

Qualquer que seja a evolução dos acontecimentos, uma coisa é certa: em terras da Índia Portuguesa continuarão, de facto, a ser portugueses na alma e no coração dos seus habitantes e no de todos os outros nossos compatriotas espalhados pelo Mundo. A força bruta ceifou vidas e destruiu fazendas: mas não apagou, no íntimo dos que escaparam à metralha, o sentimento de amor à Pátria.

Escrevo estas «Notas» num estado de funda desolação; prestando comovida homenagem a os que heróicamente lutaram; com o pensamento de que, mais do que nunca, é necessária a união de todos os verdadeiros portugueses; e, finalmente, com uma inabalável fé nos destinos da Pátria.

M. da Cunha

Foi aqui que o Dr. Fernando Hupsel, chefe do Departamento da Imprensa da Panair em nome desta Companhia saudou as entidades e jornalistas minhotos, com palavras eloquentes e cheias de simpatia por Portugal, esse oásis, num mundo unilateral e materialista, de quem o Brasil sente imenso gosto de ser filho, pois ao Brasil e Portugal inspira a mesma Cruz e o mesmo Deus.

Nós agradecemos todos estas palavras de simpatia através de dois representantes da nossa caravana e viemos Tijuca-abaxo para subirmos o morro do Corcovado.

Na descida paramos em frente da capela de Mayrink a apreciar umas pinturas do séc. XVII, em plena floresta, com uma cruz de madeira ao lado, numa curva da estrada que advertia os transeuntes: «Salva a tua alma». Pareceu-nos muito oportuna a legenda perante um Brasil tão despreocupado e metido em cheio na labuta diária da vida.

Já que falamos neste assunto convém dizer que a grande maioria dos brasileiros é «tradicionalmente católica» Dizemos «tradicionalmente» porque «de facto» os brasileiros perderam muito nesse sentido em virtude de haver uma desoladora escassez de sacerdotes nesse Brasil imenso. Por isso mesmo grande número de católicos, perante tantos meios de corrupção e distração, vivem uma apatia religiosa mais digna de lástima que louvor. Em compensação, como pudemos constatar muitas vezes, grande número é frequentador assíduo dos actos religiosos, tirando ao seu trabalho o tempo suficiente para cumprir as suas obrigações de cristão. Só no Rio de Janeiro há 181 igrejas católicas, muitas das quais verdadeiros tesouros de arte do século passado. O Mosteiro de S. Bento, por exemplo, ostenta o seu interior inteiramente trabalhado a ouro como os nossos Mosteiros de Portugal. Percorri-o todo acompanhado do nosso correspondente e outro amigo a convite do D. Abade que no fim nos levou a almoçar consigo e com todos os monges. Gostamos muito da visita.

Fomos visitar o convento de Santo António, onde há raras e antigas estátuas de Santos franceses. Os turistas sobem de ascensor. A Candelária, erguida na Praça Pio X, sempre coagulada de automóveis, lembra a Igreja de S. Pedro, em Roma, pela imponência do seu interior. E muitas mais igrejas de nomeada estão espalhadas por aquelas ruas e entre arranha-céus da cidade como: Catedral Metropolitana, Igreja de N. Sr.ª de Copacabana, de S. Jorge, S. José, S. Judas Tadeu, Outeiro da Glória, etc.

Mas também não deixa de haver, embora em menor escala e sem grande actividade, igrejas Anglicanas, Evangélicas, Metodistas, Positivistas, Presbiteranas, Baptistas e... Sinagogas.

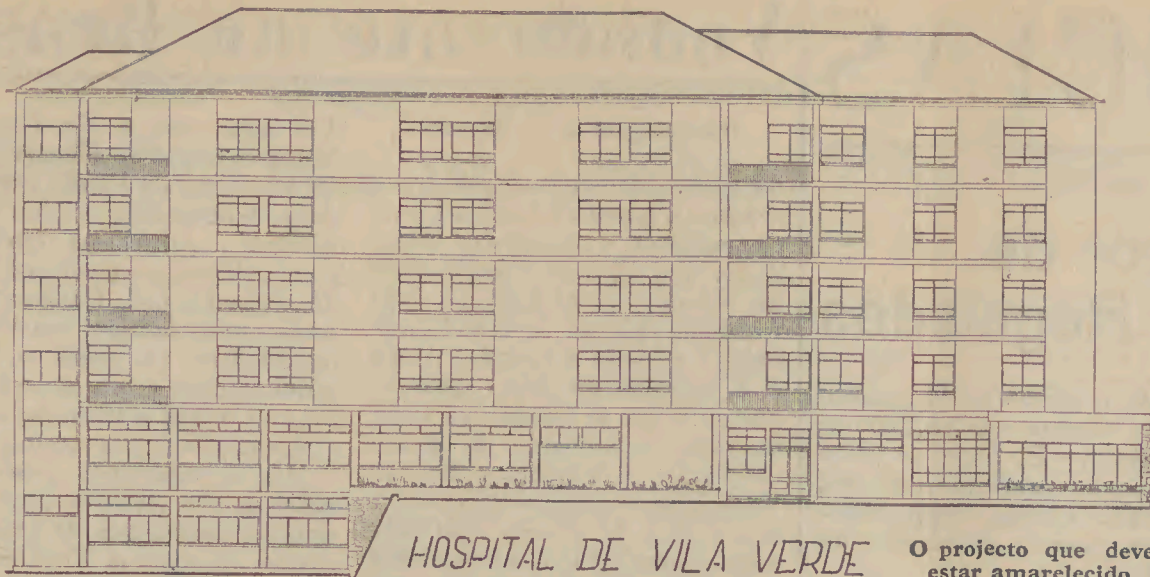
## Um intervalo

Os intervalos eram preciosos no Rio de Janeiro. Eram aproveitados para visitar os amigos e familiares, para ir a todos os recantos de interesse não previstos no programa.

Uma visita obrigatória teria de ser a Niterói, onde se encontra o Sr. António Joaquim Rodrigues Loureiro e sua Ex.ª esposa D. Amélia. Supomos que não há em Vila Verde ninguém que não os conheça pelo muito que tem feito por este concelho e pelas suas principais instituições.

Por várias vezes estive na sua linda residência, depois de atravessar a Baía, em agradável convívio e a descansar das permanentes andanças por aqui e por ali. O meu desejo era permanecer com eles muito tempo a conversar da nossa terra, dos nossos problemas e aspirações que eles vivem à distância.

(Continua na 4.ª página)



HOSPITAL DE VILA VERDE O projecto que deve estar amarelecido pelo tempo

# A não construção do novo Hospital de Vila Verde

(Continuação da primeira página)

Não se limitam às grandes unidades hospitalares de Santa Maria em Lisboa, e de S. João no Porto, dignos de confronto com os melhores da Europa. São Hospitais Regionais e Sub-Regionais inúmeros já construídos.

Ao fazer esta divisão de Regionais e Sub-Regionais, teve em mente o Governo, aquilo que afirmou o Ilustre Director da Escola de Enfermagem de Braga, por ocasião da sua inauguração. Dizia que um Hospital, como o de Braga, dentro daquele número de camas e de movimento é facilmente controlável, predisse, cal-se numa mecanização.

Ora, se esta mecanização pode ser tolerável nos grandes cidades, porque aí o povo está praticamente mecanizado em tudo, é incomportável no povo da província, para quem, arrancá-lo ao seu meio, é ferir-lo nos seus sentimentos e muitas vezes, antes preferiria ficar sem assistência ou recorrer à rudimentar, do que ter de ser melido numa enorme colmeia hospitalar.

A questão de Vila Verde, em princípio, deve considerar-se resolvida, desde que o Senhor Subsecretário da Assistência aprovou o projecto do Hospital de Vila Verde, considerando-o um Hospital Sub-Regional. Contudo, uma vez ou outra, têm chegado sugestões, que não devem prosseguir, querendo concentrar a generalização do hospitalar deste Concelho no Hospital de Braga, ficando o nosso Hospital quase como um posto de medicina. Isso seria um erro que não aproveitava nem ao Hospital de Braga nem ao de Vila Verde.

Que se tenha de recorrer a Braga em várias especialidades, isso é função dos Hospitais regionais. É preciso ter em conta que Vila Verde tem 40.000 habitantes, é muito extenso, com 58 freguesias: que a Sede está a cerca de 12 Km. de Braga, há freguesias a mais de 25 Km.

Têm sido construídas unidades hospitalares em Concelhos menos importantes do que o nosso, com menos movimento assistencial e dispunham de melhores instalações, com a circunstância de se terem disposto à construção muitos anos após nós.

### Consequências deste protelamento

O povo do Conselho de Vila Verde tem sido de generosidade incomparável para com o seu Hospital, desde a fundação, em 1943. Apesar não ter indústrias, de viver numa agricultura peuperrima e em crise, crivada de dívidas nos Bancos, na agiotagem e na Caixa Agrícola, é generosíssimo para com o seu Hospital. Arranca a camisa do corpo e entrega-lhe!

Basta dizer que o último Cortejo de

Oferecidas, de 5 de Dezembro de 1960, rendeu cerca de 400.000\$00.

Poucos centros ricos se compararem em generosidade com o pobre Concelho de Vila Verde, e ainda em ano de mau rendimento agrícola.

É um Concelho profundamente nacionalista, sempre pronto nas emergências nacionais e a aceitar as directrizes do Estado Novo; de profunda fé cristã.

Já mais perderá estes sentimentos, embora não veja correspondência merecida.

Para o seu Hospital já deu, desde 1943, cerca de 2.000.000\$00, da sua pobreza, e mais teria dado, se visse construir o seu novo Hospital.

Porém, o desânimo começa a minú-lo, como se viu na relutância em seguir o último Cortejo.

E enquanto não começar a construção do novo Hospital, é inútil bater-lhe à porta, não dará mais um centavo.

Se tentassem reduzir o seu Hospital a um posto medicinal ou equivalente, o Estado e a Câmara teriam de aguentar só os encargos da assistência hospitalar, porque já mais alguém concorreria.

O povo ama o seu Hospital, quer que ele progrida e não admite o retrocesso.

Já se perderam muitas centenas de contos em Cortejos que não se realizaram. O último singrou, porque o nosso jornal prometeu ao povo aquilo que não vê concretizar-se.

### A posição da Mesa da Misericórdia de Vila Verde e dos organismos do Estado assistenciais

Mais de dez anos se perderam em diligências, consultas, sugestões, preleções e em passa-tempos, entre as Mesas da Misericórdia, os Ministérios e seus departamentos, de quem depende a construção do novo Hospital.

Agora vai, agora nova dificuldade, depois a resolução; a seguir, tempo longo de silêncio. Assim se têm passado os anos, enquanto por esse Portugal, se vão erguendo hospitais, em terras menos importantes e de menos necessidades do que no caso do Concelho de Vila Verde.

Nos últimos três anos, as promessas repetem-se sempre: zval ser no próximo ano — depois «a verba está esgotada, fica para o ano».

E, como entremez, uma Comissão Hospitalar sugeriu que ficássemos com um posto médico em Vila Verde ligados ao Hospital de Braga.

Santo Deus!... O povo, que já deu mais do que o Estado, para o tratamento

dos seus doentes, já mais daria um centavo; ficava a Câmara a internar os doentes em Braga, como era antes de se abrir o actual Hospital de Vila Verde. E o que sucederá?

O que era nesse tempo. A Câmara só internava os doentes de muita gravidade, por falta de verba e porque o tratamento em Braga lhe ficava mais caro do que em Vila Verde. Os doentes morriam ao abandono. Consultem-se as estatísticas.

Mas, em Portugal quer-se andar, não retroceder.

Uma ambulância a transportar os doentes para Braga!... E onde é que o Hospital de Braga tem capacidade para internar os doentes desta região e de outras que não têm hospitais?

Não cremos que tais teorias consigam prosseguir; podemos considerá-las como delongas e mais nada.

A Mesa da Misericórdia está numa situação crítica. Prometeu ao povo, porque oficialmente lhe prometeu a construção do Hospital em 1960 e em 1961, e faltou.

### O Povo

O povo não sabe onde estão as culpas; sente-se ferido nas suas justas aspirações, pelas quais tem dado a camisa do corpo. Era capaz de dar tudo quanto fosse preciso, tirado da sua miséria, se visse obras e não palavras.

Desanimará e ninguém o chame já mais para qualquer iniciativa, se o Hospital não for construído, mas o seu Hospital e não um posto médico ou coisa parecida.

Estamos certos que o seu desânimo arreará a Mesa da Misericórdia e ninguém mais querará servir essa instituição — que acabará por tocar a fiação.

### Ponto final

Já dissemos alguma coisa do que sentimos — o mesmo que sente o povo deste Concelho. Lavámos a nossa frente perante a promessa de construção do novo Hospital, com que errastamos o povo para o Cortejo de Oferecidas de 1960. Também fomos levados.

Agora se não vimos obras, já mais acreditaremos nas palavras, e não se escandalizem com o nosso silêncio. Mas, para terminar, ainda queremos fazer uma afirmação. Há dez anos era tão fácil construir o novo Hospital. O Estado queria; não havia a pretensão de construções dos inúmeros Hospitais. Se o espírito de divisão e de política não tem afastado diversas passadas dedicadas da Mesa da Santa Casa, ninguém pode duvidar de que, desde há muito, o novo Hospital já estava construído. Assim era de esperar. Sofre todo o Concelho as culpas de alguns. Ponto final.

# SALAZAR fala à Nação e ao Mundo

— A União Indiana pôde fazer a guerra contra nós mas não pode sem nós restabelecer a Paz.

— Da mesma forma que não houve rendição de forças nem entrega de barcos também não pode haver tratado que reconheça a soberania da União sobre aqueles territórios.

— É triste e desoladora a derrota dos pequenos; mas é incomparavelmente mais grave a impotência dos grandes para defender o direito.

— Terá de aguardar-se que a comunidade internacional repare o agravo à soberania portuguesa e a reintegre nos seus legítimos direitos, para ser restabelecida uma situação normal.

— Toda a Nação sente na sua carne e no seu espírito a tragédia que se tem vivido, e vivê-la no seu seio, é ainda uma consolação, embora pequena, para quem desejaria morrer com ela.

Foi dizendo Salazar, na Assembleia Nacional, no passado dia 3 de Janeiro ao examinar o caso de Goa.

Quando à nossa Aliança com Inglaterra, entre outras coisas, Salazar disse:

A minha repugnância pessoal em solicitar serviços alheios, mesmo contratualmente devidos, tinha de quebrar ante a gravidade da causa. O que o Estado da Índia representava — e continua a representar — para a Nação portuguesa, não pode medir-se pela pequenez do território mas pela grandeza da história a que ficou ligada e pela altura da missão que ali levou os portugueses.

Mais adiante:

É que dada a extensão da Comunidade e a agressividade e ambições expansionistas dos seus novos associados, o Governo português deverá estudar qual o conteúdo positivo que ainda resta da segunda parte da declaração de Windsor de 1899, para em face das conclusões, determinar a sua atitude futura quanto às obrigações existentes entre os dois países. É admirável o pragmatismo da política britânica: simplesmente nem sempre pode evitar o aborrecimento de dolorosas contradições.

Nós pedimos também ao Governo britânico autorização para utilizar alguns aeródromos necessários a ligações com Goa. Tenho de lamentar que o Governo britânico demorasse oito dias a tornar-nos conhecida a impossibilidade de utilização, porque, se não fora essa demora, nós tínhamos de certa conseguida rotas alternativas e teríamos levado à Índia a tempo reforços de material e pessoal que nos pareciam necessários a mais prolongada defesa do território.

Quando à inutilidade de apêlo feito às nações unidas:

É difícil perguntar o que estamos nós ali a fazer ou o que estão ali a fazer os que, não sendo

grandes potências, não dispõem do favor russo ou, por causa da sua solidariedade com o Ocidente, atraem a aberta hostilidade do bloco antiocidental. Também se perguntará como fomos ali parar.

...Pensamos ter direito a uma palavra sobre ser já inútil a nossa presença e a nossa colaboração. Mesmo que essa palavra não venha, não sei ainda se seremos o primeiro país a abandonar as Nações Unidas, mas estaremos certamente entre os primeiros. E entretanto recusar-lhes-emos a colaboração no que não seja do nosso interesse directo.

Em dado momento diz: Tendo-se recorrido a tudo, tudo falhara para impedir a agressão e evitar a conquista. Ou esta situação é sanada ou Goa faz voltar uma página na vida das sociedades do nosso tempo.

### A Espanha é merecedora da nossa gratidão

A algumas portas não foi mesmo necessário bater, porque comunhão de princípios e a identidade de interesses apontaram sem hesitação o caminho. É de justiça pôr a Espanha em primeiro lugar, por si e junto dos países sul-americanos seus amigos, como merecedora da nossa gratidão. Ela tem vivido como nós o drama de Goa, e com razão, porque se há território português que se haja estruturado sob a influência conjunta dos dois Estados da Península, esse é o de Goa, que deve tanto ao génio de Afonso de Albuquerque como à doutrinação de S. Francisco Xavier. Além disso numa Europa que ameaça desmoronar-se por ter perdido a confiança em si própria, a Espanha pôde revigorar ao fogo de uma experiência dolorosa a sua fé nos princípios de civilização que difundiu pelo mundo e é um povo onde o grande e heróico têm ainda lugar na vida e um sentido moral. A Espanha compreende bem e em toda a sua extensão o estado de alma português.

### PALESTRA

Realiza-se na próxima 5.ª feira a costumada Palestra Arciprestal. Circunstâncias várias obstarão a que fosse, como fora combinado, nas terças-feiras em virtude da facilidade de transportes. Começa às 10.30, com retiro mensal, e continua cerca das 13.30 h. O Arcipreste — Côn. Domingos Peixoto Costa e Silva

### Voando até ao Brasil

(Continuação da 3.ª página) Mas eram rápidas as minhas visitas, por ser breve o tempo. Ainda assim conversamos muito sobre a Igreja nova de Prado, Loureira, Misericórdia de Vila Verde, etc., etc. De vez enquanto, em visita fugidia, lá estava novamente e sempre rodeado das maiores atenções. Aqui lhe deixo, em nome de «O Vila-verdense», a mais profunda gratidão, com eternas saudades de os ver novamente por cá, a respirar os ares frescos e amigos da nossa terra.

## Uma Proposta de Lei submetida à ASSEMBLEIA NACIONAL

determina que enquanto a província do Estado da Índia estiver ocupada por tropas estrangeiras,

a sede do seu Governo será estabelecida em Lisboa

O Sr. Presidente do Conselho enviou, à Assembleia Nacional, a seguinte proposta de lei emanada do Ministério do Ultramar.

BASE I — Enquanto a província do Estado da Índia estiver ocupada por tropas estrangeiras, a sede do seu Governo será estabelecida em Lisboa. Fica o ministro do Ultramar autorizado a transferir a mesma sede para qualquer outro ponto do território nacional quando as circunstâncias o aconselharem.

BASE II — I — O Conselho Legislativo do Estado da Índia terá a seguinte composição:

a) Vogais eleitos pelos membros das comunidades goesas existentes em territórios nacionais ou estrangeiros que possam exercer livremente o direito de voto;

b) Vogais nomeados pelo governador.

II — Aos colégios dos eleitores a que se refere a alínea a) do número anterior, competirá, também, directa ou indirectamente, eleger os deputados à Assembleia Nacional.

BASE III — Junto do governador geral do Estado da Índia funcionará um Conselho de Governo com atribuições consultivas.

BASE IV — I — O domínio público e o património do Estado da Índia, constituído nos termos da base LIII da lei n.º 2066, de 27 de Junho de 1953, continuam para todos os efeitos integrados no património da Nação. Todas as depreciações, incluindo as realizadas pelas autoridades portuguesas no exercício da legítima defesa, são da responsabilidade das tropas invasoras e dos representantes ou agentes da administração estrangeira.

II — São juridicamente inexistentes as concessões feitas pelos invasores em relação a bens ou serviços dos territórios ocupados.

BASE V — I — Os compromissos de ordem financeira ou económica anteriores à ocupação do território do Estado da Índia pelo invasor, e assumidos por ou em nome daquele Estado da Índia, são juridicamente ineficazes, e a sua validade só poderá ser apreciada após o restabelecimento do exercício da soberania portuguesa.

II — A autonomia financeira do Estado da Índia será limitada pelo ministro do Ultramar de acordo com as circunstâncias.

BASE VI — Compete ao ministro do Ultramar assegurar a execução desta lei por meio de despacho ou portaria.



Salazar dá uma magistral lição ao Mundo como líder da Civilização Ocidental.